

EDITORIAL

Qual é o discurso negro nas Artes Cênicas? Sim, *qual* é do discurso negro na cena? Essa é a provocação apresentada por este número 39 do Cadernos do GIPE-CIT: discutir e problematizar questões da poética negra em cena, inspiradas em valores das culturas negras, suas formas, iniciativas e estratégias. Através desta edição, a ETUFBA, junto com seu Programa de Pós-graduação busca refletir e revelar algumas das discussões e processos da afirmação negra no âmbito da cena, bem como apresentar um pequeno panorama de pesquisas, experiências e epistemologias negras tangentes ao ensino e ao fazer nas artes cênicas.

Ao longo de seus 20 anos e pouco, o Cadernos do GIPE-CIT têm sido instrumentos de registro e difusão de pesquisas realizadas no território nacional e internacional. E mais uma vez faz valer sua vocação ao trazer seu enfoque para a temática negra nas artes cênicas. Afinal, as culturas negras no Brasil são terrenos férteis para várias áreas do conhecimento e, particularmente, no campo das artes, essa presença e influência são expressivas e recorrentes. Mais que isso: geram e têm produzido processos, pesquisas, poéticas e epistemes. Com intensas reflexões teóricas e práticas que vêm instaurar outros espaços de encontros, conhecimentos e perspectivas no fazer e pensar a cena e as artes em geral.

Esta edição do Cadernos do GIPE-CIT nasceu com a realização do I Fórum Negro das Artes Cênicas (FNAC) que teve na sua programação, a I Roda Baiana de Pesquisadores em Artes Cênicas; espaço onde pesquisadores, no contexto universitário, puderam discutir e socializar suas pesquisas em andamento ou concluídas sobre a cultura negra nas Artes Cênicas (dança, teatro, entre outras). Os ecos oriundos desses encontros foram tão grandes, que foi preciso aumentar a roda pois, em se tratando desta temática, muito há para discutir e mais espaço ainda para ocupar.

Assim, esta edição do Cadernos do GIPE-CIT é enegrecida, recheada de perspectivas inter-e-nacionais sobre as artes negro orientadas, possui dez produções que trasladam desde as inspiradoras experiências do NATA (Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas-Bahia), às vivências de artistas negros ingleses

da política e artisticamente empoderada como o Talawa Company Theatre de Londres.

Em *Afrografando a cena – um estudo sobre a poética do NATA*, Onisajé Fernanda Júlia Barbosa reflexiona sobre o encontro entre Candomblé e Teatro na construção do projeto-político-poético do Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas – NATA a partir dos três princípios norteadores desse grupo: Narrativas Mito-Poéticas, Teatro Ritual e Tradição na Contemporaneidade.

De quando no corpo se inscreve a voz que não é só minha: análise da peça Sortilégio de Abdias do Nascimento, de Emerson de Paula Silva, analisa o espetáculo *Sortilégio*, de Abdias do Nascimento, evidenciando a sua importância para o teatro brasileiro e a formação da identidade do negro em nosso país, enucleando contribuições de pesquisadoras renomadas como Leda Martins, Miriam Garcia Mendes, Flora Sussekind e Ecléa Bosi.

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”: trajetórias, cena negra e resistência questiona as estratégias/modos de composição utilizadas por artistas negros com o escopo de problematizar o tema da discriminação racial. Para tal, o autor Victor Hugo Neves de Oliveira analisa trabalhos de três artistas negros com distintas trajetórias, formações e perspectivas, a saber: *Danças para Zaira* e *Sombra*, de Diego Dantas, *Vira-lata*, de Tiago Oliveira e *Guerreiro*, de Joziel Santos.

No artigo *Teatro Negro, Fórum Nacional de Performance Negra e a Lei 10639/2003: concepções a partir do diálogo com os artistas*, Rosana Machado de Souza compila reflexões sobre o Teatro Negro de artistas presentes no IV Fórum Nacional de Performance Negra. A autora objetiva contribuir na maneira como o Teatro Negro tem sido abordado na Educação Básica no componente curricular Arte após a promulgação da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos escolares.

Mônica Pereira de Santana em *A performance de criadoras negras e o corpo como discurso* traça um diálogo entre a sua obra *Isto Não É Uma Mulata* e outras obras de teatro, dança e performance de criadoras negras que primam por uma luta antirracista e feminista, constatando uma ampliação da consciência sobre ser uma mulher negra que conclama outras formas de agir e existir em nossa sociedade despertada por essas artistas.

As autoras Renata de Lima Silva e Marlina Dorneles de Lima, no artigo *Por cima do mar eu vim: processo de criação de corpos em travessia*, discutem o processo de criação da montagem cênico-musical *Por cima do mar eu vim* em que o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (NuPICC) apresenta, através de *poetnografias*, a contribuição africana banto para a cultura brasileira.

O artigo *Identidades negras na dança: epistemes e anunciações*, de Fernando Marques Camargo Ferraz, pautando-se em cultura na diáspora negra e as políticas de identidade, debate potencialidades das poéticas negras na elaboração de novos entendimentos e epistemes no contexto contemporâneo de produção em dança.

Em *Dos tesouros de águas – introdução a uma abordagem dos pés de dança e histórias de Oxum e Yemonjá entre Brasil e Benin*, Monica da Costa, de maneira contrastiva entre esses dois países, apresenta complexidades e potências de danças negras do candomblé como um importante embasamento para discussões raciais e de gênero no ensino de disciplinas curriculares universitárias em Artes Cênicas e em outros contextos artísticos.

Em *O Teatro Negro em Nova York: confluências e divergências*, Marcos Antônio Alexandre aborda corporeidades negras expressas cenicamente na cidade de Nova York, analisando a montagem de James Scruggs, *3/ Fifths*, que problematiza elementos inerentes aos sujeitos negros, suas identidades e relações socioculturais.

Evani Tavares Lima, em *Um Teatro Negro e Britânico! Entrevista, Michael Buffong*, diretor artístico de um dos mais importantes grupos de teatro da Inglaterra, a *Talawa Company Theatre*. Uma oportunidade para ampliar e conhecer um pouco de um discurso cênico negro, a partir de um contexto sócio, político e histórico, bem distinto do nosso, mas que, ainda assim, guarda muitos pontos de ressonância conosco.

Por fim, o que apresentamos aqui é o resultado do trabalho de uma equipe, reunida através do FNAC e pelo FNAC, grandes especialistas, referências na área, pessoas engajadas, dedicadas a isso que, aqui, assumem o nome discurso negro nas Artes Cênicas! Discurso esse que também podemos chamar de fé na construção de um conhecimento acadêmico pautado pela diversidade de seus referenciais.

Os trabalhos que serão vistos, logo a seguir, representam um pequeno recorte de um rico material que recebemos daqueles e daquelas que atenderam ao chamado para esta publicação, e aproveitamos para agradecer aos e as que não puderam estar aqui pela absoluta falta de espaço, e esperamos que se sintam contemplados por estes galhos de uma árvore muito mais que frondosa.

Assim, o Cadernos do GIPE-CIT e a comissão permanente do Fórum Negro das Artes Cênicas têm o prazer de apresentar essas escritas, assinaladas em negros, pois acreditamos que elas nos representam e têm muito a dizer!

Ubuntu – Nós por nós!

Evani Tavares Lima
Fabrícia Dias
Régia Mabel Freitas
(coordenadoras do FNAC)